

STM fez vista grossa a planos terroristas de Bolsonaro nos anos 1980

Dezesseis de junho de 1988. Por 9 votos a 4, o então capitão do Exército Jair Messias Bolsonaro é absolvido pelo Superior Tribunal Militar (STM). Cinco meses antes, em janeiro, um conselho de justificação do Exército o considerara culpado, por 3 a 0, por ter tido "conduta irregular e praticado atos que afetam a honra pessoal, o pundonor militar e o decore da classe".

Reprodução



Croqui publicado pela *Veja*, com o plano de explosão de bombas em quartéis e no sistema de abastecimento de água do RJ
Reprodução

O julgamento era sobre o plano, revelado meses antes desse julgamento pela revista *Veja*, de explodir bombas em quartéis e em sistema de abastecimento de água em protesto por melhores salários no Exército. Bolsonaro negou participação.

O drama e a fama começam com a publicação, em 1986, de um artigo assinado por Bolsonaro, até então um cabo do Exército conhecido internamente mais pela sua disposição física — daí o apelido de "cavalo" entre os pares. Fonte da revista *Veja*, ganhara espaço na publicação para publicar um artigo em que reclamava dos salários e criticava o então ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves.

Por causa do artigo, Bolsonaro foi punido com 15 dias de prisão disciplinar. Mas o escândalo maior veio um ano depois, quando a mesma revista se viu "obrigada" a publicar uma reportagem sobre um plano de

explodir bombas em quartéis e no sistema de abastecimento de água do Rio de Janeiro, que provavelmente teria sido revelado pelo próprio Bolsonaro. Como se tratava de ameaça terrorista, a edição e a reportagem da revista temiam ser consideradas cúmplices de uma possível tragédia.

Reprodução



Reprodução

Para o jornalista Luiz Maklouf Carvalho, que recebeu um arquivo de áudio com 5 horas do julgamento do STM, foi o ponto de partida para ele escrever o livro, lançado em 2019, "O Cadete e o Capitão" (Editora Todavia). É o ápice do drama dos quase 15 anos de carreira de Bolsonaro no Exército.

A absolvição, que aconteceu seis meses antes do atual presidente sair do Exército e entrar para a política, teve repercussão em jornais e revistas na época. Mas os documentos eram reservados e o julgamento, secreto, sem acesso da imprensa.

Com acesso ao áudio do julgamento mais de três décadas depois, Maklouf destrincha as mais de 700 páginas de documentos e 5 horas do julgamento. Analisa dois laudos que atestavam que Bolsonaro foi autor de croquis que explicavam o plano das bombas à *Veja* e as alegações da defesa de Bolsonaro.



Em entrevista ao *Estadão* e ao portal *G1* na época do lançamento do livro, Maklouf disse que o capitão foi beneficiado por um "espírito de corpo militar" e por uma "hostilidade à imprensa", na época da transição democrática, por uma maioria de ministros indicados ainda na ditadura.

"Os muitos depoimentos de Bolsonaro e das testemunhas de defesa, que foram seus comandantes, indicam que ele já reclamava com frequência do soldo baixo. Um coronel diz que ele reclamava tanto que chegou a ser incômodo, ninguém queria nem ouvir. Acho que o descontentamento levou ao artigo [em 1986]. Na época foi um artigo atrevido, que desrespeitou a hierarquia. Ele foi punido, também ganhou seus 15 minutos de fama, mas alguns meses depois já não se falava mais disso", diz o jornalista. "Depois do artigo, ele volta a ser militar como outro qualquer. Com a diferença que ficou famoso nos quartéis."

"Mais tarde, no julgamento, um ministro diz que "aquela fotografiazinha do artigo da *Veja* virou a cabeça dele", o tornou vaidoso. Pode ser que da prisão para frente ele tenha passado a considerar isso. Mas nada teria acontecido se não fosse o plano da bomba, mais de um ano depois."


E complementa: "Internamente, a oficialidade se mexeu. Ele realmente ganhou fama para boa parte de oficiais de todas as patentes, pela quebra de hierarquia. Marcou, é um fato histórico".

Além dos laudos, um tema central no julgamento foi a imprensa. O livro de Maklouf mostra que alguns ministros que votaram pela absolvição fizeram críticas genéricas ao jornalismo, citando reportagens que nem tinham a ver com o caso. A volta da liberdade de imprensa era recente no Brasil.

Reprodução

...rante os dois dias da prisão do capitão Saldan, num ato de protesto. Nesse momento, a campanha focou novamente. Foi levada para um dos quartos, por Lígia, para que não visse o oficial que acabara de chegar. Nos poucos minutos que ficaram ali, Lígia revelou-me alguns detalhes da operação Bico sem Saída. O plano consistia num protesto à bomba contra o índice de aumento para os militares que o governo anunciaria nos próximos dias. Caso o reajuste ficasse abaixo de 60%, algumas bombas seriam detonadas nos banheiros da Esao, sempre com a preocupação de evitar que houvesse feridos. Simultaneamente, haveria explosões na Academia Militar das Agulhas Negras e em outras unidades do Exército. 'Não haverá perigo', garantiu Lígia. 'Só há apenas explosões pequenas, para assustar o ministro. Só o suficiente para o presidente José Sarney entender que o Leônidas não exerce nenhum controle sobre sua tropa'.

Lígia pediu-me que jurasse não comentar o assunto com Bolsonaro e Xerife. De volta à sala, depois que o terceiro oficial se retirou, o assunto girou em torno do ministro Leônidas Pires Gonçalves, do Exército. 'Temos um ministro incompetente e até racista', disse Bolsonaro a certa altura. 'Ele disse em Manaus que os militares são a classe de vagabundos mais bem remunerada que existe no país. Só concordamos em que ele está realmente criando vagabundos, pois hoje em dia o soldado fica um ano inteiro pontando de branco o meio-fio dos quarteis, operando a visita dos generais ou fazendo faxina e dando plantão'. Perguntei, então, se pretendiam realizar alguma operação




Bolsonaro: "Só algumas espoletas"

...saldar e criar problemas para o ministro Leônidas. De acordo com Bolsonaro, se algum dia o ministro do Exército resolvesse articular um novo golpe militar, 'ele é que acabaria golpeado por sua própria tropa, que se recusaria a obedecê-lo'. 'Nosso Exército é uma vergonha nacional, e o ministro está se saindo como um segundo Pinochet', afirmou Bolsonaro.

Nossa conversa durou 2 horas. Nesse tempo, falamos também sobre os planos do ex-presidente João Figueiredo de candidatar-se à sucessão de Sarney. 'Ele poderia contar com grande apoio', disse Xerife. 'Nós daríamos ao Figueiredo a oportunidade de terminar o que não conseguiu completar', afirmou o militar, sem explicar a que obra do ex-presidente se referia. A contragosto, Bolsonaro contou também um pouco de suas relações formais com o general Newton Cruz, ex-chefe da Agência Central do SNI. Segundo o capitão, ele e Cruz falavam-se frequentemente ao telefone e o capitão espera que o general promova um encontro com Figueiredo talvez no próximo mês. O plano Bico sem Saída foi confirmado também por um outro oficial, que não integra o grupo da Esao.

Na quinta-feira, num contato telefônico com Bolsonaro, perguntei se o anúncio do presidente cancelava a operação Bico sem Saída. 'O pessoal está pensando em esperar até novembro para ver o que acontece', explicou o capitão. 'Mas, se esperarem muito, acabam não fazendo nada'.

Nesse telefonema, Bolsonaro esclareceu: 'Eu estou fora disso'. E reafirmou: 'São apenas algumas espoletas. Não vamos fazer isso correndo o risco de perder uma parte de nosso corpo'. Sobre o capitão Luiz Fernando Walter de Almeida, que tomou a prefeitura de Apucarana, Bolsonaro contou ter estudado com ele. 'A tropa que o acompanhou no protesto não é ingênua', garantiu. 'Eles sabiam onde estavam indo.' Nervoso, Bolsonaro advertiu-me mais uma vez para não publicar nada sobre nossas conversas. 'Você sabe em que terreno está entrando, não sabe?', perguntei. E eu respondi: 'Você não pode esquecer que sou uma profissional'.



Protesto de mulheres de oficiais no ano passado contra a punição de Bolsonaro

VEJA, 28 DE OUTUBRO, 1986

O artigo de Jair Bolsonaro na *Veja*, em 1986 Reprodução

"A imprensa é o segundo personagem do livro. A discussão era de quem mentiu no caso — o capitão, que negou ter participação no plano da bomba, ou a revista, que sempre reiterou que as declarações foram dadas por ele."

"O réu no processo do STM, e isso se ouviu no áudio, foi muito mais a revista e a repórter, que foi insultada de maneira diversa, covarde. Como era sessão secreta, ela foi chamada de famigerada, e coisas piores."

"Disseram que a revista 'não vale o que come'. As opiniões de mérito batem muito mais na *Veja* do que no réu. Essa hostilidade em relação à imprensa acabou ajudando Bolsonaro no resultado do tribunal."

Na introdução do livro, o jornalista escreve que o julgamento teve "singularidades" que "permitem aventar, com base também na análise da documentação, um jogo combinado para preservar o capitão — o espírito de corpo militar, dito de outra forma —, desde que ele apressasse sua saída do Exército".

"Este espírito militar já fora do poder, que representava a ditadura ainda, era uma maioria sólida no tribunal. A maioria dos ministros do tribunal tinha sido indicada ainda pelos presidentes da ditadura."

"Bolsonaro chegou ao STM com uma condenação anterior de 3 a 0 e com aval de mérito do ministro do Exército. Minha pergunta é: como isso mudou? Eu tento mostrar os elementos. Uma entrevista com o presidente sobre isso hoje seria relevante. O Newton Cruz [general que o defendeu na época] foi lá e atuou para ajudar? O Figueiredo [general e ex-presidente na ditadura militar] também? São partes da



história que eu espero que um dia venham à luz. Mas é a única explicação possível a que os áudios me levam."

Autores: Redação ConJur